

# A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM VILA NOVA DE GAIA

COORD.  
CLÁUDIA PINTO RIBEIRO  
FRANCISCO MIGUEL ARAÚJO

Título: *A História da Educação em Vila Nova de Gaia*

Coordenação: Cláudia Pinto Ribeiro  
Francisco Miguel Araújo

Fotografia da capa: fac-símile do «Projecto da Escola Municipal “Pinto Mourão”, lugar de Laborim de Baixo»  
(Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner – Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia)

Design gráfico: Helena Lobo | [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-70-8

Depósito Legal: 426971/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

Porto

Junho 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

Apoios: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner; HISTEDUP – Associação de História da Educação de Portugal.

# GAIA PIONEIRA NA EDUCAÇÃO EM MEIO HOSPITALAR: O ENSINO NO SANATÓRIO

ANABELA AMARAL

**Resumo:** O Sanatório Marítimo do Norte, fundado em Valadares (1917-1974), no seu objetivo primordial de curar as crianças vítimas de tuberculose óssea não deixava de lhes proporcionar a sua escolarização e a ocupação dos tempos livres. Este artigo analisa a génese do edifício do sanatório na sua relação com as conceções curativas da Helioterapia e pedagógicas que nele foram desenvolvidas para a reabilitação e instrução desses doentes mais novos, estas através do jornal da instituição *O Girassol* (1924-1955), recortes de imprensa, correspondência, relatos orais, etc. Neste sentido, identifica-se um projeto educativo germinado na conceção como uma “escola ao sol” pelo seu fundador e filantropo, Joaquim Gomes Ferreira Alves, inspirado nos exemplos de Auguste Rollier e outros, delineando um processo de educação formal e informal para as crianças internadas que facilitasse a sua posterior reintegração social e profissional.

**Palavras-chave:** *Educação; Helioterapia; Sanatório marítimo; Filantropia.*

**Abstract:** Located in Valadares near the seaside, the Sanatório Marítimo do Norte was a healthcare institution (1917-1974) which aimed to cure children diagnosed with bone tuberculosis whilst simultaneously providing them with literacy and leisure activities. This paper analyses the genesis of the sanatorium building in its relationship with the light therapy methods and pedagogical concepts employed in the rehabilitation and education of younger patients. Through a wide range of sources (the sanatorium’s newspaper “*O Girassol*” (1924-1955), mainstream printed press, oral testimonies, correspondence, etc.), we are able to characterise this educational project based on a “school in the sun” model – the latter idealised by Joaquim Gomes Ferreira Alves, founder of the institution, with inspiration from ideas of Auguste Rollier and others – as well as outline the formal and informal education process employed in tracking the sanatorium’s inmates subsequent social and professional reintegration.

**Keywords:** *Education; Light therapy; Sanatorium; Philanthropy.*

## 1. VIVÊNCIAS EDUCATIVAS NO SANATÓRIO

Tendo sido o Sanatório Marítimo do Norte uma instituição criada em 1917 (fig. 1) com o objetivo de curar crianças vítimas de tuberculose óssea, cujo período de internamento durava meses e mesmo anos, tornou-se pertinente questionar o processo de escolarização e de ocupação do tempo. Que atividades lhes seriam proporcionadas para amenizar a dor e o afastamento?

Justificou-se, através do estudo desta instituição, analisar a forma como as rotinas foram humanizadas, num sistema de internamento de crianças e acautelada a sua educação. Foi igualmente relevante referir a preocupação dos fundadores desta instituição, na fundamentação da mesma, apontar de imediato a necessidade da contratação de uma professora primária: «o mesmo director clínico mostrou à Direcção a necessidade de crear um lugar de professora para as crianças, cuja cura demande largo tempo de hospitalisação, não ficando assim descurada a sua educação intelectual» *[sic]*<sup>1</sup>.

Ainda relativamente a essa contratação: «da professora para o ensino das creanças, o Sr. Luiz Ferreira Alves propôs Alice Sarmento Duque com o vencimento anual de cento e vinte escudos»<sup>2</sup>, senhora de Valadares, que vai diariamente ao sanatório e é paga pela benemérita Helena Dias. Esta professora, depois de algum tempo a trabalhar no sanatório, será dispensada porque: «não tem competência para o ensino, faltando-lhe prática de educação infantil tão necessária no sanatório»<sup>3</sup>.

Depois de analisada em detalhe a questão da contratação da professora, foi decidido em reunião da Comissão Administrativa, a contratação de uma professora interna: «D.<sup>a</sup> Maria Silvana de Souza Carvalho, que fique a acumular as funções de sub-directora»<sup>4</sup>.

Na consulta das atas da comissão administrativa do Sanatório Marítimo do Norte, verifica-se que são os médicos, entre eles, o Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves (1883-1944), o director clínico, os responsáveis pela contratação da professora, são também eles que impõem uma disciplina de escola e de tratamento, são ainda os mesmos que despedem uma professora quando esta não preenche os requisitos definidos pela comissão administrativa.

---

<sup>1</sup> *O Século*, 02.10.1922 [Espólio da Escola Secundária Joaquim Gomes Ferreira Alves (ESJGFA)].

<sup>2</sup> Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP) – *Livro de Actas das Sessões da Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte*, ata n.º 14, 20.06.1918.

<sup>3</sup> AHMP – *Livro de Actas das Sessões da Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte*, ata n.º 15, 05.12.1918.

<sup>4</sup> AHMP – *Livro de Actas das Sessões da Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte*, ata n.º 15, 05.12.1918.

Esta prioridade de escolarização terá influenciado outras instituições congêneres como o Sanatório D. Manuel II (atual Hospital Santos Silva), onde existia a sala de aula, ao lado da sala de brinquedos, na enfermaria feminina e infantil, que não era suficiente para as crianças pequenas, pois foi necessária a construção de um edifício de raiz, exclusivo para o funcionamento da escola primária<sup>5</sup>. Na Maternidade Júlio Dinis, também fruto do intercâmbio com as maternidades suíças, a experiência foi semelhante.

O período de internamento, para a maioria das crianças, era longo e sujeito a uma rigorosa disciplina, com o cumprimento de rituais diários dependentes dos preceitos da Helioterapia, isto é, o emprego terapêutico da exposição solar para o tratamento de diferentes doenças. A rotina diária era completamente ditada pelo sol e pelo mar e pelos períodos benéficos à recuperação do doente.

No âmbito da tuberculose óssea, geradora de múltiplas deformações, o corpo assume ainda um papel de relevo. Terão de ser corrigidas as deformações de modo a reintegrar o indivíduo na sociedade. Como complemento à Helioterapia, a escola ao ar livre, a ginástica rítmica, os longos passeios pelo pinhal e pela praia e os banhos de mar, funcionam como estimulantes à receção do iodo e, ao restabelecimento de corpos sãos, de preceitos higienistas e disciplinadores de operações no corpo humano.



Figura 1. O Sanatório Marítimo do Norte – Valadares.

Fonte: *O Girassol* – espólio da Escola Secundária Joaquim Gomes Ferreira Alves

Esta instituição poderá também ser considerada um exemplo de pedagogização da vida hospitalar na medida em que, através dos frequentes intercâmbios cultu-

<sup>5</sup> Cf. Ministério das Obras Públicas (1949) – desenho das plantas do Sanatório de D. Manuel II – anexo n.º 8.

rais com a Suíça (em especial com os Drs. Rollier e Leysin), introduz conceitos inovadores na época como a ginástica, jogos, atividades, o controlo do corpo e dos movimentos, tal como a noção de ritmo, que pretendem garantir estabilidade emocional e moral dos doentes. O gosto pela harmonia, simetria e ordem é patente na expressão corporal que é valorizada e desenvolvida.

Outro dos conceitos introduzidos pelo Dr. Ferreira Alves, a “école au soleil” ou “escola ao sol”, pretendia conciliar as teorias médicas da Helioterapia, as vivências ao ar livre e o benefício do sol com a escolarização da criança doente. Numa carta a Lopo de Carvalho, datada de 04.07.1935, descrevia que esta escola se encontrava prevista: “«na 2.<sup>a</sup> parte do plano de construção do Sanatório Marítimo do Norte e estaria complementada com artes e ofícios para convalescentes»<sup>6</sup>.

O Sanatório devido ao estatuto de relevo adquirido através dos resultados obtidos com os tratamentos e operações e à instrução e escolarização ministrados na instituição foi considerado «Instituição de Utilidade Pública» pelo Ministério da Instrução Pública, em 31.03.1927:

*Nesta data de tanta alegria, dia do aniversário do nosso querido Director Clínico, quis o governo, pelo Ministério da Instrução, conceder o justo título de “Instituição de Utilidade Pública” ao Sanatório Marítimo do Norte. Bem hajam os governos que assim praticam a justiça e aqui saudamos em especial Sua Excelência o Senhor Ministro da Instrução, Snr. Dr. Alfredo de Magalhães<sup>7</sup>.*

## 2. O DOENTE DO SANATÓRIO

O doente do sanatório era proveniente de todas as regiões do país, recomendado por médicos, geralmente ortopedistas de outros sanatórios cuja lotação já não permitia mais internamentos. Eram então encaminhados para o Dr. Ferreira Alves, bastante reconhecido no meio médico nacional:

E lembrava, entre muitas coisas, aquela célebre e precipitada sentença de morte do velho Dr. Fernandes, a amargura da vida durante os meses em que estivera condenado (...) a casual indicação, mais tarde obtida, acerca daquele médico do Porto, do Dr. Ferreira Alves, e da sua obra assistencial seguindo os passos do Dr. Rollier, a consulta que lhe tinham feito na Galeria de Paris, o diagnóstico do Mal de Pott, a indicação da Helioterapia como fórmula de tratamento, a luz de esperança que nascera, a resolução para o seu internamento na casa de saúde milagreira<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> TAVARES, 2005: 93.

<sup>7</sup> *O Girassol*, 09.04.1927.

<sup>8</sup> *O Girassol*, 09.04.1927.

Vários doentes do Sanatório vinham do sul de Portugal, depois de realizarem consulta no Sanatório da Parede, também sanatório marítimo dedicado à cura da tuberculose óssea, e eram encaminhados para o norte pelo facto de não haver, na Parede, qualquer disponibilidade de internamento. O doente internado era particularmente problemático por sofrer de tuberculose óssea que tinha consequências ortopédicas ao nível de dores e graves deformações corporais.

Ao longo da investigação, pudemos constatar que este tipo de doentes se mostrava resignado à sua sorte e, motivado por um clima de instituição, investia, a longo prazo e com grande perseverança na cura, sempre distante e inacessível, muito demorada e sujeita a rigorosas imobilizações.

As crianças eram rápida e carinhosamente integradas na grande família do Sanatório. Estas eram recebidas, quer pelos médicos e enfermeiras, quer pelos doentes adultos com grande preocupação. Todos se empenhavam em substituir a família, para que o seu afastamento fosse menos doloroso:

*Havia crianças que também pareciam contar com acontecimentos miraculosos, que aconteceriam se apenas esperassem por eles com paciência suficiente. Comparavam-se com as crianças no conto de fadas, que feitas de pão de gengibre também têm de se manter imóveis – na esperança que o feitiço depressa fosse quebrado e lhes permitisse saltar para uma liberdade sem restrições. Quase todos desejavam, intimamente, uma magia que pudesse resultar numa cura instantânea e completa<sup>9</sup>.*

Estas características verificam-se em inúmeros depoimentos de crianças vítimas de tuberculose óssea que, em muitos momentos de revolta e de questionação, procuram apoio nos mais velhos que são solidários na dor e no sofrimento. Encontram, muitos deles, apoio na Fé e nas orações:

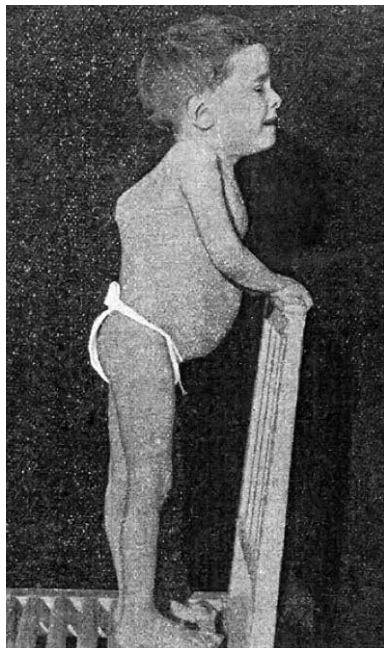
*Hoje ando aborrecida e um pouco sem coragem para levar esta minha cruz da doença. Triste como estava virei-me para o Céu e disse: Meu Deus! Meu Jesus, porque me fazeis sofrer tanto?*

*Meu Jesus que mal vos fiz para ser assim tão castigada? Eu no meu pensamento ouvi Jesus numa tão doce voz: Não digas isso, ganha coragem que depois terás, a recompensa da saúde. Rezei uma ave-maria a Jesus por me ter feito compreender que nunca se deve desesperar com a doença, pois devemos de nos lembrar que Jesus sofreu muito mais. E assim termino o dia<sup>10</sup>.*

Contrariamente ao registo do diário da doente do Sanatório de D. Manuel II, não há no Sanatório Marítimo do Norte, qualquer prática ou simbologia ligada a

<sup>9</sup> O Girassol, 09.04.1927: 5.

<sup>10</sup> CHAMBRE, 1956: 13. A autora foi uma antiga doente internada no Sanatório D. Manuel II.



**Figura 2.** Paciente diagnosticado com Mal de Pott.

Fonte: *O Girassol* – espólio da Escola Secundária Joaquim Gomes Ferreira Alves

qualquer religião. A natureza com os seus elementos principais – sol, água e plantas – para ser a “Grande Deusa” protetora e fonte de vida, com a qual se deviam reconciliar, cuidando do corpo. O que parece indicar uma filiação maçónica ou de livre pensamento do fundador e do seu ideário filantrópico. Este procura aliar natureza e ciência, humanidade e felicidade sociais. O processo de cura beneficia não só o doente, mas também a sociedade, ao torná-lo mais útil, mais esclarecido, mais preparado, mais livre. Também a arquitetura e decoração do edifício representam em si mesmas igualmente um ideário laico, de culto pela natureza, a fonte da vida e da cura.

O afastamento da família era particularmente doloroso e assustador, porque a maioria dos doentes eram crianças e as famílias não tinham possibilidades económicas para os visitarem com alguma frequência. Geralmente iam acompanhá-las no internamento e voltavam na saída da instituição:

*E no dia seguinte, com a curiosidade e o contentamento duma criança que vai a uma festa, a partida de manhãzinha, com o pai intimamente ralado, o pobre, do quanto ia gastar com o filho, numa altura em que a vida ainda não estava correndo muito bem; depois a chegada, a impressão penosa à vista daqueles pobres seres pequeninos ali encamados e presos aos leitos com tiras e pesos; e, por fim, à despedida, o pai que sempre vira impassível, fugindo dele pela rua além e ele, que não pensara em tal, com um nó a esmagá-lo, e, depois, a estranheza da culinária, numa mezinha baixa entre garotos queimados e enervantes, a hora de recolher, a sensação penosa do despir diante de olhos estranhos, as suas roupas logo retiradas para a rouparia, o colchão duro e estreito, a almofada insignificante<sup>11</sup>.*

As saudades eram enganadas com a troca de correspondência com a família; «vingara-se a escrever longas cartas à mãe, cheias de queixumes, molhadas de choro»<sup>12</sup> em que desabafavam as angústias e valorizavam tudo o que tinham deixado, a casa, o quarto, os objetos, as pessoas, os hábitos. Tudo aquilo que nunca tinham valorizado suficientemente e, que agora, longe, tinham mais valor do que nunca.

<sup>11</sup> GUERRA, 1960: 144.

<sup>12</sup> GUERRA, 1960: 144.



No entanto, no Sanatório havia um controlo da correspondência dos mais novos, quando era pressentida alguma inadaptação:

*Pressentindo difícil aclimação, essas cartas tinham sido violadas no gabinete da Directora, antes de seguirem o seu destino, e como que, por artes mágicas, todos os motivos de queixa, ainda que caprichosos, tinham sido reparados e, quando não reparados, fora-lhe dada hábil e subtil explicação, de modo que nunca pudesse ele descobrir a violação. Para os pais (viera a sabe-ló mais tarde) tinham seguido notícias acusando o seu conhecimento das lamúrias, recomendando calma e paciência, e, finalmente, a recomendação de que antes de um mês fosse evitada qualquer visita, que viria interromper a fase laboriosa e lenta da habituação ao meio, ao ambiente, à disciplina, aos novos costumes.... Era um doente difícil, dizia-se...<sup>13</sup>*

A adaptação da criança, apesar do apoio e carinho dos outros doentes e funcionários, é sempre difícil: há que se habituar ao colchão duro, à almofada pequena, aos coletes presos aos ferros do leito, aos pesos pendurados nos pés, às comidas, às faltas de vinho e de iguarias. Aprendem a lavar-se na cama, deitados, sem se molhar, a comer na posição deitada, a escrever sobre um livro, a arrumar, como todos os doentes, ao seu lado, os papéis e pequenos objetos.

Engordam, enegrecem, adquirem outro sotaque e organizam o seu tempo diário, sentem-se privilegiadas pelo destino as ter levado para o Sanatório Marítimo do Norte: «a permanência aqui nunca nos deixará na alma essa tristíssima lembrança que a maioria dos hospitais deixa nos seus internados»<sup>14</sup>.

O bom ambiente proporcionado pela alegria das crianças, o sol sempre em convívio com todos são uma referência constante na correspondência e no jornal da instituição *O Girassol*:

*E que o observe quem nos queira fazer uma visita dalguns momentos. A alegria estuante do Sol entrando a jorros pelas largas janelas das enfermarias e dos quartos patentar-lhe-á logo esse perfeito contraste que há entre as nossas arejadas instalações e as instalações sombrias de um hospital. Os petizes, de todas as idades, e quer estejam de cama ou andem de pé, parecem não ter o mais pequeno conhecimento dos males (...) brincam e riem na mais completa alegria infantil. De manhã à noite a garrulice é contínua, mesmo a quando das horas de descanso, iludida, travessamente, a vigilância das empregadas<sup>15</sup>.*

<sup>13</sup> GUERRA, 1960: 144.

<sup>14</sup> *O Girassol*, 23.03.1924.

<sup>15</sup> *O Girassol*, 23.03.1924.

### 3. A ROTINA DAS CRIANÇAS COMO PACIENTES NO SANATÓRIO

O rigor da disciplina médica, dos tratamentos prescritos e da rotina da instituição são, sem dúvida, a explicação dos excelentes resultados obtidos com os tratamentos da Helioterapia. Esta prática médica dispunha de momentos fulcrais do dia que teriam de ser amplamente usufruídos pelos corpos dos doentes de modo a proporcionar a cura total. Estes momentos seriam desfrutados por todos os doentes nas mesmas condições. Para que isto fosse possível, era necessária uma organização de toda a rotina com grande precisão. Será necessário referir que a maioria dos doentes se encontrava imobilizada nas suas camas de ferro, que era necessário arrastar para as galerias de cura, ao ar livre, para o contacto benéfico do sol.

A resignação é uma constante na mente do doente e os rituais do dia a dia são um modo de tentar superar o amargor do tempo que custa a passar: «toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo»<sup>16</sup>.

A revolta é um sentimento comum aos doentes imobilizados nas suas camas, que ao verem o mar, a praia e as crianças que a frequentam, ali tão perto, gostariam de as acompanhar, e a resignação é o seu refúgio:

*uma praiasinha só para os da casa, particular, íntima, (...) aquela que mais veemente desejo de ser percorrida desperta – porque não há ninguém, com certeza, que mais ambicione ir até à beira-mar, do que nós, os que vivemos aqui presos, vendo o mar, sim, mas de longe, vendo os outros, os que andam de pé, correndo por lá, livres – os felizes! Sem que nós os possamos acompanhar<sup>17</sup>!*

As crianças são, no Sanatório, um fator de animação constante, cujo convívio se torna enriquecedor para os mais novos e reconfortante para os mais velhos, que frequentemente os assumem como missão educativa:

*Tudo passa e aquele amargor passara também, lentamente, diluído no tempo como sombra de fumo que se desfaz no céu e se deixa de ver. A vida agora era aquilo, assim mesmo, entre lençóis brancos numa cama de rodas que, dia após dia, girava da enfermaria para a varanda e da varanda para a enfermaria sem parar (...).*

*Nos dias soalheiros, logo de manhãzinha, acordava-se com o rodar surdo dos leitos baloiçantes no soalho encerado e com o estrépito das rodas transpondo as soleiras das portas ao passarem para o piso de mosaico da galeria. E se o sono era teimoso e resistia, a aragem do Norte, arrepiadora, incumbia-se de abrir os olhos entumecidos e acabava*

<sup>16</sup> O Girassol, 23.03.1924: 18.

<sup>17</sup> O Girassol, 10.08.1924.

*com o torpor. E se o frio era impotente, alguma coisa havia de mais forte: a algazarra da miudagem de todas as idades que se erguia, vencedora, na alegria irradiante do despertar matinal das crianças*<sup>18</sup>.

As refeições dos doentes funcionam como pausas merecidas, na dolorosa prática curativa, são um complemento fundamental à recuperação física do doente e à obtenção de uma robustez que resistisse ao rigor dos tratamentos de Helioterapia:

*Vinha então o pequeno-almoço, aquele detestável café com leite, que ele nunca pôde emborcar com gosto, logo em seguida, o arranjo das camas e os curativos dos doentes fistulados. Sob o calor das roupas não apetecia o jornal nem o Júlio Verne e os olhos prendiam-se, impressionados, ao verde muito verde do mar batido pelo Sol levante, às cristas brancas das ondas vindas a rolar de longe para se entrechocarem e quebrarem lá em baixo nos penhascos da praia, ao esvoaçar de asas longínquas, ao desenho ledó e fino dumas velas avermelhada*<sup>19</sup>.

A cura ao sol é descrita pelos doentes como um momento de preguiça, não deixando de ser doloroso e penoso. A exposição solar revela-se eficaz na mutação dos corpos enfermos, por isso, uma etapa necessária à cura. Na varanda é companhia privilegiada o livro e os jornais diários<sup>20</sup>. As crianças faziam os deveres escolares marcados pelos seus professores, entre os doentes esta classe profissional marcou sempre presença e participavam na escolarização dos doentes como eles. Na instituição havia um ambiente em que a leitura era incentivada quer aos mais novos, quer aos mais velhos. Os menos instruídos eram estimulados pelos outros doentes a aprenderem a ler e a aumentarem a sua cultura literária:

*Mais tarde, já o sol galgava sobre o beiral e roçava sobre as grades verdes da varanda, os leitos corriam à beira, para irem ao seu encontro e, aos primeiros contactos com o seu calor caricioso, apareciam os braços nús fora das roupas, vinham toldos e chapéus, abriam-se “Notícias” e “Janeiros”, as histórias e os deveres escolares. Tomava-se então, se o termómetro subia, o primeiro banho de luz, morno, sedoso e benéfico, delícia das delícias. Os corpos negros refastelavam-se, postos ao léu, de bruços e de costas, a leitura era mais saborosa e às vezes mais saboroso que nunca um leve delíquio de sono sobre a almofada ou o livro aberto, já que interrompido fora o das primeiras horas da manhã e a este, agora, não havia que resistir, que ele era mais forte que a aragem, que a algazarra, que tudo, em suma*<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> GUERRA, 1960: 141.

<sup>19</sup> GUERRA, 1960: 141.

<sup>20</sup> No Sanatório Marítimo do Norte havia uma biblioteca, com um diretor responsável que era escolhido entre os doentes internados. Os doentes tornavam-se sócios para usufruir das suas leituras.

<sup>21</sup> GUERRA, 1960: 142.

Muitos doentes chegavam ao Sanatório sem qualquer tipo de instrução. Aí aprendiam a ler, faziam o exame de admissão e continuavam os seus estudos. Há notícia de doentes que, depois de adultos, concluíram mesmo cursos universitários. Muitos sentiam-se tão reconhecidos pelo que lhes tinham proporcionado que enveredaram por profissões ligadas à saúde. Muitos tornaram-se auxiliares de ação médica, enfermeiros e mesmo médicos.

Para os doentes estirados, os momentos de intimidade com o Sol revelavam-se purificadores e exorcistas do mal da tuberculose. O Sol era quase um Deus, que ao livrá-los do mal da doença, lhes possibilitava momentos de inspiração poética, literária e mesmo romântica. Toda a varanda de cura do Sanatório se assemelha a um altar pagão em cujas paredes, os seus construtores, colocaram lápides de odes ao Sol e os doentes, em sacrifício, se oferecem e se entregam, em plenitude, ao Sol e ao Mar, não surgindo referências a Deus ou a símbolos religiosos.

A sesta depois de almoço é referida como um momento sagrado em que o silêncio é imperativo:

*Vinha depois o almoço e, após ele, outra hora boa, a hora do silêncio, a fuga à calma escaldante, a fase do descanso imposto e do sono aconselhado. E quanto mais tarde, após o repouso, se retomava o banho de sol, temperado por doce aragem, era o momento, então, das longas horas de leitura, posta de lado às vezes para meditar e para ver o mar desde o Senhor da Pedra à Afurada, nas suas mudanças de cor<sup>22</sup>.*

O descanso é fundamental depois do banho de sol e da merecida refeição: «as minhas amiguinhas disseram-me que temos de nos ir deitar agora das duas horas até às quatro»<sup>23</sup>, dizia uma menina recém-chegada ao Sanatório. Todo o ritual servia a orientação da recuperação do doente, para além de ter de respirar bons ares, teria de cumprir momentos de descanso rigoroso e uma alimentação rica, saudável e escrupulosamente regular. Algumas das crianças iam à praia como rotina de tratamento:

*Nós temos aqui defronte das nossas galerias de cura uma outra praiasinha, uma praiasinha só para os da casa, particular, íntima, (...). É ver a graça desta pequena colónia balnear, exclusivamente composta por doentes do Sanatório, partindo para a nossa praia, a praia do Sanatório, e voltando, após o banho e as mil cambalhotas da sua traquinice, em grupos animados ou numa interessante fila, a caminho do almoço que um bom apetite já lembrando!...*

*Nota interessante então, que se destaca bem nessa quotidiana e benéfica excursão e nos prende sobretudo: montado no burrico do Sanatório porque não pode andar muito, com um*

<sup>22</sup> GUERRA, 1960: 143.

<sup>23</sup> CHAMBRE, 1956: 8.

*petiz habitualmente no colo e um creado no lado (...). Que pena, que pena não podermos ir também até lá à nossa pequena praia, ver os pequenos tomar banhos<sup>24</sup>!*

Os pequenos doentes eram estimulados, de acordo com as suas potencialidades, a desenvolverem hábitos de estudo e interesse pela literatura, matemática e línguas estrangeiras:

*Pequeno letrado de treze anos (...). Dotado de tendências para o trabalho e para a metodização, organizara a vida e passára a não ter sobras de tempo, naquela ociosidade aparente, muito repartida pelo estudo de línguas, pelas matérias liceais, pelas cartas a escrever, pelas leituras saborosas, pelas horas de repouso e pelas que à noite, extinta a luz do dia, eram dispendidas no gosto inefável das cogitações<sup>25</sup>.*

As visitas, momento particularmente importante na vida do sanatório, aconteciam ao domingo, e, segundo os doentes, eram dias fantásticos mesmo quando as visitas eram para os outros:

*Às três horas começavam de aparecer, no alto da rua, os mais apressados, pais, irmãos, vizinhos e amigos, com flores e sacas, e, através das cortinas claras ou das grades da varanda, havia sempre os que, soerguidos e como quem procura alvíçaras, iam, quais gageiros no cesto da gávea, denunciando em brado alto os que iam surgindo: O pai da Alzirinha...O irmão do Fernando Mota...A mãe e o pai do Gustavo...os tios da Angélica<sup>26</sup>.*

A expectativa era grande, aguardavam com ansiedade se teriam visitas ou não. Os mimos e carinhos eram distribuídos por todos: «porque os pais duns sentiam-se pais de todos e a todos procuravam e mimavam»<sup>27</sup>. Alguns impacientes e eufóricos, outros decepcionados e tristes. Os visitantes encontravam-se no apeadeiro do comboio de Francelos e, em romagem, desciam em direção ao Sanatório. Levavam presentes, iguarias para matar saudades de casa e flores para alegrar «o leito do internamento»<sup>28</sup>:

*E quando às 3 horas, findo o descanso e ajeitadas as roupas, tocava a sineta para a entrada dos visitantes, era um reboição por ali dentro, de dezenas de sapatos martelando os mosaicos dos corredores, de vultos correndo alegremente pelo soalho encerado da enfermaria, de braços abertos e bocas alongadas em busca de beijos e também de mãos estendidas para bonecos, sacas e maletas recheadas de guloseimas e brinquedos<sup>29</sup>.*

<sup>24</sup> O Girassol, 10.08.1924.

<sup>25</sup> GUERRA, 1960: 145.

<sup>26</sup> GUERRA, 1960: 146.

<sup>27</sup> GUERRA, 1960: 146.

<sup>28</sup> “O leito de internamento” era expressão utilizada para designar a cama do doente.

<sup>29</sup> GUERRA, 1960: 146.

As tardes de domingo são descritas com grande animação, plenas de alegria e de entusiasmo em que os mimos e carinhos eram distribuídos por todos. A hora da despedida acabava com o ambiente de felicidade e de partilha, ficava no ar uma sensação de cansaço e de contentamento, perdiam o apetite para o jantar e saboreavam as guloseimas e os mimos deixados pelas visitas.

Os dias de festa mobilizavam tudo e todos. As habilidades, os talentos, e as aprendizagens eram postas ao serviço do projeto comum da instituição:

*Naquele domingo, além de ser domingo era dia de festa. A D. Filomena Braga, professora de canto, ensaiara novas cantigas muito insulsas e desmaiadas como o autor, seu marido, e organizara também um pequeno espectáculo de comédias e variedades. Os solitários das mesas estavam enramalhados como nunca e os leitos luziam na brancura e no arranjo das roupas. As enfermeiras e ajudantes, impecáveis, sorriam prazenteiramente e um contentamento esfuziante e comunicativo pairava em tudo, à mistura com um sol morno e doirado que jorrava de fora, através das cortinas, e se espalhava em largas faixas de luz na enfermaria<sup>30</sup>...*

As prestações dos pequenos cantores eram sempre acolhidas com grande entusiasmo e unanimemente aplaudidas. Os números eram ensaiados com grande afincamento para que em dia de festa as variedades fossem apresentadas com grande profissionalismo. As enfermarias enchiam-se de gente emocionada e feliz, familiares, funcionários, doentes, beneméritos, que compensavam os pequenos artistas das horas despendidas num sem número de ensaios.

O regresso à rotina do Sanatório é sempre deprimente para o doente e gerador de incertezas relativamente ao futuro. Há como que um mergulho na tristeza e na revolta de um destino que se vive num mutismo sem fim.

Muitos destes doentes, quando recuperados, deixavam o Sanatório. No entanto, o desrespeito pelos preceitos básicos ensinados durante o internamento, determinava o regresso ao sanatório bastante frequente. Tudo regressava ao início. A doença voltava a dominar o quotidiano e assumir o protagonismo:

*Volto a Francelos ao fim de quatro anos de vida quase airada, durante os quais, como pássaro liberto e ávido, sorvera a vida a largos haustos, alheio a todas as regras de bom senso e a todos os conselhos de médicos e progenitores, e ao fim dos quais, como natural consequência de loucuras e desmandos, contraíra de novo o negregado Mal de Pot, fazedor de tantas mortes e aleijões...E a rotina começou... Dia após dia, os dias, iguaizinhos como contas dum rosário, começaram a correr como dantes, como sempre, na mansidão*

---

<sup>30</sup> GUERRA, 1960: 147.

*mole dum a ausência de ruídos e dum sol benévolo e caricioso que ia aquecendo devagar, na visão permanente dum espriar de ondas espumosas lá em baixo no branco areal*<sup>31</sup>.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No projeto do Sanatório Marítimo do Norte destaca-se a vertente educativa e pedagógica ligada à génese e funcionamento da instituição. São os médicos da direção do organismo, que contratam as professoras, avaliam o seu desempenho e que as despedem se não cumprem os critérios e objetivos definidos pela direção, fazendo a avaliação regular do seu desempenho profissional.

É um médico que estimula a criação de um jornal, que incentiva a sua redação e que contribui para a sua diversidade e qualidade. Angaria colaboradores, recolhe fotografias que oferece para publicação, assim como inéditos de poetas que lhe tinham sido oferecidos. Disponibiliza instalações para a execução do jornal, a sala da direção, atenua interrupções de publicações, angaria novos assinantes e estimula o pagamento de números esquecidos.

Joaquim Gomes Ferreira Alves foi uma personalidade de convicção firme e crença numa missão que acreditou, ter-lhe sido confiada: o tratamento das crianças atingidas pela tuberculose óssea. Este médico, assim como os seus colaboradores (pessoal médico e auxiliares) e amigos pessoais (arquitetos, médicos, escritores e pintores) foram responsáveis pela circulação de ideias médicas profiláticas e sociais e pela implementação de novos ideais filantrópicos no contexto da sociedade em que viviam.

#### REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

##### Fontes Hemerográficas

*O Girassol* (1924-1955).

*O Século* (1922).

##### Fontes Documentais

Arquivo Histórico Municipal do Porto – *Livro de Actas das Sessões da Comissão Administrativa da Associação do Sanatório Marítimo do Norte* (1918).

---

<sup>31</sup> GUERRA, 1960: 152.

## Bibliografia

- AMARAL, Anabela (2007) – *Vivências Educativas da Tuberculose no Sanatório Marítimo e Clínica Heliântia (1917-1955)*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da U.Porto. Dissertação de mestrado.
- AMARAL, Anabela; FELGUEIRAS, Margarida (2010) – *A Educação no Sanatório*. «Educação, Sociedade & Culturas», 30, p. 75-93.
- CHAMBRE, Maria Flaviana Freitas Amaral (1956) – *A vida numa criança no Sanatório*. Fafe: [s.n.].
- GUERRA, Manuel de Oliveira (1960) – *Caminho Longo*. Oliveira de Azeméis: texto original conservado no espólio da ESJGFA.
- MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS (1949) – *Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Sanatório de D. Manuel II, Vila Nova de Gaia*. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda.
- TAVARES, André (2005) – *Arquitectura Antituberculose, Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*. Porto: Faculdade de Arquitectura da U.Porto Publicações.